

Experiência Agroflorestal no Campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LANZA, Tomaz. UFRRJ, tomazlanza@gmail.com; LUSTOSA, Raoni. UFRRJ, raonial@click21.com.br; CONDE, Igor. UFRRJ, igorconde@yahoo.com.br; VALLADARES, João Paulo. UFRRJ, xortape@hotmail.com; VALLE, Dalton. UFRRJ, valle_dalton@hotmail.com; CYSNEIROS, Vinicius. UFRRJ, vinicius_cys@gmail.com

Resumo

Experiência agroflorestal “Rocinha” no campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em Seropédica – RJ. Área implantada em 2003 por estudantes moradores do Alojamento M1 e membros do GAE – Grupo de Agricultura Ecológica que possibilita o manejo de sistema agroecológico e vem sendo utilizada como forma de resistência ao tradicional conhecimento das ciências agrárias reproduzido pela universidade. Tem como princípio, um meio de se trabalhar o ensino, a pesquisa e a extensão junto à comunidade acadêmica e também agricultores da baixada fluminense. Dentre os resultados mais expressivos durante esses seis anos de trabalho, é possível observar um aumento na biodiversidade de fauna e flora local, melhoria na fertilidade do solo, produção de alimentos, plantas funcionais e principalmente um reconhecimento do espaço por parte da administração superior da universidade, além da geração de conhecimento prático sobre o assunto.

Palavras-chave: Sistemas Agroflorestais, autogestão, organização, movimento estudantil

Contexto

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro possui uma peculiaridade no tocante a residência estudantil, pois possui seis conjuntos de alojamentos masculinos e cinco femininos. No entorno desses prédios, pode-se observar que é comum o plantio de árvores e cultivares agrícolas pelos estudantes, na tentativa de revitalizar o espaço outrora improdutivo. Na maioria das vezes as árvores plantadas possuem a função de produzir sombra e melhorar o microclima local, visto que a Universidade encontra-se na Baixada Fluminense, localidade naturalmente quente.

No ano de 2003 alguns residentes do alojamento masculino M1 decidiram intervir em uma área de cerca de 1.500 m² adjacente ao prédio, a fim de evitar a execução de um projeto paisagístico a ser implantado ao redor das moradias, que retiraria as árvores já existentes e faria da área um estacionamento. A idéia de transformar o espaço em um laboratório agroflorestal surgiu como uma necessidade de se praticar os conceitos relacionados á agroecologia, não contemplados nas disciplinas acadêmicas, uma vez que a universidade produz e difunde um ensino agrícola com bases em um sistema que se utiliza de meios de produção em larga escala, com uso de insumos químicos, monocultivos, mecanização e engenharia genética.

Descrição da experiência

Localizada nas coordenadas geográficas Lat. 22°45'48” S e Long. 43°41'23” W, no município de Seropédica, estado do Rio de Janeiro, o experimento visa proporcionar um espaço pedagógico comunitário de extensão dentro do campus da Universidade que viabilize: a aplicabilidade de técnicas agroecológicas em virtude da biodiversidade; segurança alimentar através de alimentos isentos de agrotóxicos e principalmente a formação de um centro de pesquisas, mobilizando a educação ambiental pelo processo da construção do conhecimento.

A área foi transformada em um laboratório agroflorestal através da implantação em regime de mutirão durante a I Vivência Agroecológica da Rural, em dezembro de 2003. Desde então, manteve-se como um dos espaços de atividades nas Vivências.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Outro aspecto importante no desenvolvimento da área foi o manejo integrado do espaço por parte dos moradores do alojamento M1 e afins, os quais se revezam semanalmente para cuidar e observar o local detalhadamente.

Houve um acordo entre os estudantes e a administração da Universidade visando a autonomia com relação ao espaço, visto que o manejo convencional realizado pela Universidade impedia o correto desenvolvimento agroflorestal na área.

Por se tratar de um espaço autônomo, participam somente estudantes interessados e alguns membros do GAE, Grupo de Agricultura Ecológica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com apoio e auxílio de alguns funcionários da manutenção da universidade.

A princípio foram introduzidas mudas de espécies arbóreas, frutíferas, arbustos, plantas rústicas, herbáceas e principalmente leguminosas, proporcionando um aumento perceptível na ciclagem de nutrientes e surgimento de formas vegetais diversas espontaneamente.

A obtenção de ferramentas adequadas como enxadas, pá, cavadeiras, facões, carrinho-de-mão; disponibilidade de sementes, estacas e mudas desejadas; e principalmente mão de obra disponível, através da protocooperação dos interessados.

Resultados

Durante esses anos de manejo, é possível observar o desenvolvimento de muitas espécies vegetais, todas interagindo com o pequeno agroecossistema que ali se desenvolveu. De forma complexa e sincrônica espécies arbóreas e herbáceas repartiram esse pequeno espaço, de maneira que em diversos momentos houve a necessidade de interferência antrópica (podas, desbastes, etc...) para corrigir empecilhos que surgiram com o tempo. Poder observar o crescimento das espécies introduzidas e as que surgem espontaneamente no sistema proporciona aos estudantes, que participam do espaço, uma experiência real de aprendizado no funcionamento de um microhabitat.

Colher frutos diversos, vegetais, sementes, e outras plantas de interesse tendo em mente que aquilo foi plantado, gera uma satisfação e um conhecimento que dificilmente uma disciplina acadêmica qualquer conseguiria contemplar.

Considerando ainda mais, os processos de interferência que durante anos geraram dificuldades na efetivação da área, é bem claro que os resultados obtidos até aqui nascem de um processo de resistência e capacitação que em pouco tempo nos mostra resultados consideráveis.

Nos dias de hoje a Rocinha vem sendo planejada dentro de uma metodologia de trabalho que busca atender as necessidades do local e respeitar a disponibilidade de tempo de cada participante. Os trabalhos são embasados em estudos do pequeno ecossistema que ali consiste para organizar nossas atividades, de forma que possamos realizar diferentes levantamentos, consórcios e experimentos.

As atividades realizadas são divididas em planejamentos mensais e semanais. Tudo que vem sendo realizado é registrado, de maneira a dar orientação necessária a todos.

Assim, constata-se que uma interferência humana em uma área possibilita gerar formas de aprendizado, conhecimento, metodologias e experiências que contribuem para a formação superior de quem se propõem a tal atividade.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Pode-se observar o crescimento das espécies florestais e o avanço da área nas figuras 1, 2 e 3, que acompanham o espaço na periodicidade de 2 (dois) anos a partir de 2005:



FIGURA 1. Rocinha em 2005



FIGURA 2. Rocinha em 2007



FIGURA 3. Rocinha em 2009